

Apresentação

O mundo contemporâneo é marcado pelo acirramento de rivalidades de vários matizes. É possível identificar conflitos com motivações econômicas, étnicas, culturais, religiosas, etc. Este contexto exige que se repense continuamente as condições de possibilidade do diálogo, apontando possíveis caminhos a serem percorridos. Neste sentido, este número da revista *Numen* busca contribuir com textos que tratam de aspectos metodológicos e práticos do diálogo inter-religioso.

Faustino Teixeira, no texto intitulado *O pluralismo religioso e a ameaça fundamentalista*, aborda a ambigüidade do cenário contemporâneo, marcado pela revitalização da religião: de um lado, por meio do surgimento de várias tendências religiosas, observa-se o aumento da diversidade religiosa. No entanto, este movimento não gera necessariamente o diálogo, mas o acirramento das tradições confessionais, inclusive como modo de reação à pluralidade religiosa. A pluralidade conduz à relativização de horizontes religiosos que, até a modernidade, ofereciam seguros referenciais para a interpretação do mundo. Diante das incertezas provocadas pelo lugar destinado à tradição na modernidade, a reafirmação dogmática de fundamentos puros e inabaláveis parece atrativo para muitos. Neste sentido, a acolhida do pluralismo revela-se um desafio.

Volney J. Berkenbrock também pensa o diálogo inter-religioso do ponto de vista metodológico. O autor, por meio da afirmação da religiosidade como caminho para o exercício do diálogo, busca ampliar o horizonte para além dos vínculos institucionais, âmbito que tem demonstrado certo retrocesso ou pouco avanço nos últimos anos. Na experiência religiosa dos sujeitos e na vivência concreta da religião, observa-se que o diálogo inter-religioso já há muito ocorre. Num mundo cada vez mais plural, a vivência da religião se dá no entre-cruzamento de elementos de várias matrizes religiosas, que se contaminam e encontram modos de ajustamento inimagináveis e inaceitáveis do ponto de vista institucional. Não se trata de abandonar as comissões de diálogo, mas pode-se encontrar na experiência religiosa do indivíduo frutífera via para o diálogo inter-religioso.

Ainda numa abordagem metodológica, Catherine Cornille aponta para a humildade como condição de possibilidade para o diálogo. Esta virtude se mostra fundamental, uma vez que sem a disponibilidade de ouvir o outro e de aprender com ele há apenas monólogo. Para que haja abertura à alteridade, é necessário que se abdique da posse de

verdades absolutas, reconhecendo o caráter situado de toda tradição. Em seu texto, como parte do exercício de diálogo, Cornille aborda a presença da noção de humildade no cristianismo, mostrando como ele pode ser enriquecido a partir do encontro com o budismo.

Além da humildade, é condição necessária para o diálogo o conhecimento das diversas tradições religiosas, evitando-se reducionismos. Em seu texto, Alexandre Leone aborda a mística no pensamento de Abraham Joshua Heschel. A partir das fontes do pensamento deste importante teólogo judeu do século XX, Leone destaca a dialética entre mística e razão que marca o pensamento judaico. A partir de Heschel, o autor explicita o longo e profícuo debate entre tendências racionalistas e místicas do pensamento judaico. Esta dupla fonte, que mantém sua tensão sem nenhuma síntese final, conduz à valorização da experiência religiosa e não tanto da sistematização da crença por parte do judaísmo. Isso explicaria, por exemplo, a ausência de um pensamento teológico sistemático no judaísmo.

Por fim, Pilar Garrido Clemente nos premia com uma tradução comentada de um texto central do sufismo. Ibn Masarra de Córdoba (833-931) é reconhecido como importante intelectual árabe e um dos fundadores do sufismo, ainda que até recentemente (1972) apenas se conhecesse os títulos de suas obras. O texto aqui traduzido, *Epístola da interpretação*, revela-se fundamental para maior conhecimento do pensamento árabe, especialmente por tratar de um tema recorrente em outras tradições: a relação entre razão e revelação. Profundo conhecedor do Corão bem como da filosofia, Masarra sustenta que razão e revelação se complementam, de modo que os mulçumanos são convidados a refletir sobre os signos do universo, o ser humano e o Corão.

Estes textos buscam contribuir para que se pense o diálogo entre as diversas tradições na contemporaneidade, num contexto em que há mais preocupação na delimitação de identidades do que propriamente abertura para o diálogo. Entretanto, qualquer tradição é contaminada por outras. A identidade sempre se dá em relação ao outro, que constitui aquilo que somos. Neste espírito, de re-conhecimento, desejamos proveitosa leitura!

FPP.